

EVANGELHO DESTE DOMINGO

JO 15, 1-8

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que está em Mim e não dá fruto e limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto. Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos anunciei. Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não permanece em Mim, será lançado fora, como o ramo, e secará. Esses ramos, apanham-nos, lançam-nos ao fogo e eles ardem. Se permanecerdes em Mim e as minhas

palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e ser-vos-á concedido. A glória de meu Pai é que deis muito fruto. Então vos tornareis meus discípulos».

Cada pessoa é uma biografia do paraíso, ao tomar a vida como ela é, como cartografia para o sobressalto da graça.

Talvez a nossa salvação passe, em grande parte, pelas coisas pequenas e pelos encontros habituais de cada dia.

PADRE JOSÉ FRAZÃO CORREIA,
in *Entre-tanto - A difícil bênção da vida e da fé*

CONTRIBUTOS

podem ser feitos directamente para a seguinte conta bancária: SANTANDER
PT50 0018 0003 4942 2140 020 06

HORÁRIO DAS MISSAS

Sábados e véspera de Dias Santificados:

19h00: Igreja Paroquial

Domingos e Dias Santificados:

10h30: Igreja de Caselas

12h00: Igreja Paroquial

19h00: Igreja Paroquial

Dias da Semana (3ª a 6ª Feira)

19h00: Igreja Paroquial

CRISMA 2021

Os adolescentes da nossa Catequese vão fazer o Crisma no próximo dia 10 de Julho na Igreja de Santa Maria de Belém.

A cerimónia realiza-se às 16h00, presidida por D. Américo Aguiar, Bispo Auxiliar de Lisboa.

OFERTÓRIOS

Neste fim-de-semana de 01- 02 de Maio, o primeiro do mês, os ofertórios das Missas destinam-se a amortizar a dívida contraída com a construção da Nova Igreja.

Recordamos que, devido à situação de pandemia, os ofertórios realizam-se à saída das missas. Sede generosos, como sempre.

SALMO RESPONSORIAL

Sal. 21 (22), 26b-27.28.30.31-32

REFRÃO:

Eu Vos louvo, Senhor, na assembleia dos justos.



Temos Mãe, temos Mãe! Agarrados a Ela como filhos, vivamos da esperança que assenta em Jesus. Quando Jesus subiu ao Céu, levou para junto do Pai celeste a humanidade – a nossa humanidade – que tinha assumido no seio da Virgem Mãe, e nunca mais a largará. Seja a esperança nessa humanidade colocada nos Céus à direita do Pai a alavanca da vida de todos nós!

Sob a protecção de Maria, sejamos, no mundo, sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor.

PAPA FRANCISCO, FÁTIMA, 2017

DOMINGO Domingo V da Páscoa, Dia da Mãe. Act 9, 26-31; 1 Jo 3, 18-24; Jo 15, 1-8 **SEGUNDA-FEIRA** Festa de S. Filipe e S. Tiago, Apóstolos. 1 Cor 15, 1-8; Jo 14, 6-14 **TERÇA-FEIRA** Act 14, 19-28; Jo 14, 27-31a **QUARTA-FEIRA** Act 15, 1-6; Jo 15, 1-8 **QUINTA-FEIRA** Act 15, 7-21; Jo 15, 9-11 **SEXTA-FEIRA** Act 15, 22-31; Jo 15, 12-17 **SÁBADO** Act 16, 1-10; Jo 15, 18-21 **PRÓXIMO DOMINGO** Domingo VI da Páscoa. Act 10, 25-26. 34-35. 44-48; 1 Jo 4, 7-10 ou 1 Jo 4, 11-16; Jo 15, 9-17 ou Jo 17, 11b-19



Rua João Dias, nº 53
1400-221 Lisboa
Tel: 210966989
sfxavier@paroquiasfxavier.org
www.paroquiasfxavier.org

NÓMADAS MODERNOS EM BUSCA DA FÉ

Pedro Bingre do Amaral, Ponto SJ



O Inverno é porventura a estação do ano durante a qual os elementos naturais mais nos compelem a reflectir sobre o sentido existencial da vida. Os dias são curtos e as sombras longas; as nuvens escuras escondem-nos o sol e a chuva cai como um pranto frio sobre os nossos rostos. As últimas semanas desta época triste coincidem, não por acaso, com a Quaresma — tempo de reflexão que prepara, fundamenta e antecede a alegria do Domingo de Páscoa. Aos olhos de quem, como é o meu caso, facilmente se comove com os ciclos anuais do clima e da vegetação, toda a paisagem parece um sinal a apontar para a busca do significado religioso da nossa vida.

Para quem guarde tais sentimentos e durante a juventude tenha recebido uma educação profundamente e exclusivamente laica, como foi o meu caso, a observância cristã da Quaresma, com o implícito despojamento do ego que lhe está implícito e a dedicação a actos de altruísmo, sempre impressiona.

Poderá mesmo o sentido da vida passar pela renúncia a quem somos, pelo amor a Deus e ao próximo, como dizem os Evangelhos?

Responder a esta questão não me foi fácil, e por isso mesmo tardei mais de quarenta anos até me converter ao catolicismo. Quis o acaso que durante as últimas semanas tenha podido conversar longamente com dois bons amigos a respeito de religião. Ela, mulher culta e bem-sucedida de meia-idade, acabava de regressar de um retiro espiritual New Age, inspirado numa doutrina ecléctica auto-denominada Culto da Deusa; ele, homem igualmente culto e bem-sucedido, porém já idoso, acabava de regressar de um retiro espiritual budista. Ambos haviam sido educados na fé cristã, aquela no catolicismo, este no anglicanismo, mas nenhum deles se manteve dedicado ao cristianismo. De resto, tampouco se dedicaram continuamente a qualquer outra fé, antes foram explorando crenças e rituais variados ao longo da vida.

Darren Crowley, *Alone in the crowd*

Estas pessoas, por quem guardo grande estima, tinham percorrido um caminho inverso ao meu: eles afastando-se, eu aproximando-me de Cristo. Porquê?

Que buscamos na fé, todos nós?

Esta pergunta assalta-me amiudadas vezes, tantas quantas as que observo a contradição de haver um número cada vez maior de pessoas a afirmarem-se ateias ou agnósticas, ao mesmo tempo em que proliferam os colectivos New Age, os grupos inspirados em religiões asiáticas, os personal coaches com ensinamentos quasi-religiosos, os círculos auto-denominados de neo-paganismo, e os livros de espiritualidade abstracta e de auto-ajuda se vendem em todas as livrarias e estações de serviço. O anelo humano por um sentido religioso parece, sendo assim, não estar a diminuir nestes tempos pós-modernos: parece antes estar em busca de si mesmo — literalmente a si mesmo, um sentido individualista, desligado de tradições, de magistérios, de sagradas escrituras, e sobretudo de instituições formais, hierarquizadas, estruturadas e perenes. Dir-se-ia que a mentalidade contemporânea ocidental de tal forma se habituou à impermanência das famílias, das instituições, das políticas, dos empregos e das tecnologias que decidiu voltar-se para a transitoriedade na religião que professa. Se as famílias se dispersam, migrando ou emigrando; se as carreiras são precárias e obrigam à itinerância entre regiões ou países; se as novidades científicas e espirituais nos inundam pela internet a cada dia que passa, como poderá quem indaga pela verdade religiosa filiar-se numa ecclesia com quem comungue assiduamente, ou debruçar-se sobre um magistério quando tantas outras doutrinas alternativas pedem atenção? O frenesim da mudança e a liquidez do quotidiano parecem conspirar contra o compromisso, contra a dedicação prolongada a um caminho, seja ele religioso, afectivo, comunitário ou mesmo profissional. Quando a vida quotidiana parece efémera, o infinito afigura-se impossível de encarar.

Sendo assim, estando o compromisso duradouro excluído das possibilidades de vida, que opções religiosas restam a quem somente pode, ou apenas quer, dedicar-se episodicamente à meditação, ao culto, à indagação espiritual, sem vínculos a quaisquer doutrinas ou comunidades de fiéis? Por motivos práticos, as opções terão de ser individuais e transitórias. Hoje pode ser-se budista, amanhã taoista, depois de amanhã pagão (há centenas de denominações a reclamar tal título), daí a uns dias agnóstico místico, sempre ao sabor do momento, do lugar, e da conveniência ou das possibilidades.

Sendo assim, por que motivo a tantas pessoas esta itinerância mais cedo ou mais tarde não passa por, e se mantém, no seio do cristianismo?

Será por uma questão de princípios, ou por uma questão de meios?

O cerne da mensagem cristã consiste em amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Este princípio é de bom grado subscrito por todos, excepto por quem não quiser amar. Sucede que somos também criaturas materiais. Criaturas que são hoje mais itinerantes do que nunca na história da humanidade. Os nossos antepassados caçadores-recolectores poderiam ser nómadas, mas levavam consigo a sua ecclesia, a tribo com quem partilhavam uma religião. Os nómadas de hoje são-no a título individual, e as suas ideias ainda mais nómadas o são, transportadas instantaneamente por via digital de e para todos os recantos do mundo. No entanto, a vivência plena da fé cristã requer uma dedicação prática, presencial, personalizada, reiterada no seio de uma comunidade viva concreta. E nem todos conseguem reunir na sua vida itinerante condições para tal compromisso. Para muitos nesta época de nomadismo digital vive-se perpetuamente em Quaresma, em reflexão e em busca de esperança, sem nunca encontrar a alegria duradoura da Páscoa. Como haveremos de estender o amplo cristão a estes peregrinos sem rumo definido?